

ENTREVISTA PROF. MARCUS VINICIUS DO NASCIMENTO
03 DE SETEMBRO DE 2025
PARA O CENTRO DE MEMÓRIA

Entrevistadores:

Prof. Gerson Carlos Favalli - Coordenador

Sardes Aparecida Batista – Bibliotecária

Heloisa Cardillo Lima – Estagiária

Nascido em São José dos Campos, São Paulo

Possui graduação em Logística pela FATEC – São José dos Campos, mestrado no Instituto de Tecnologia Aeronáutica (ITA).

Atualmente, é coordenador do curso Logística e professor da Faculdade de Tecnologia de São José dos Campos.

Boa tarde, vamos fazer uma entrevista com o Prof. Marcus Vinícius, que foi um dos primeiros alunos da Fatec do curso de Logística e hoje é coordenador do curso. Então é uma história de sucesso e é muito importante nessa comemoração dos 20 anos de Fatec.

Prof. Marcus, fale um pouco sobre você.

Olha, antes de tudo eu queria agradecer o convite pra estar aqui com vocês. A Fatec já faz parte da minha história — acho que já passei nela mais da metade da minha vida, então dá pra dizer que é uma casa mesmo pra mim.

Bom, eu sou o Marcus, joseense da gema, de segunda geração, o que é até meio raro por aqui. Nasci e cresci em São José dos Campos. Sou casado há 13 anos com a Laura, que é historiadora formada pela Unicamp. Minha caminhada toda, tanto pessoal quanto profissional, sempre esteve muito ligada à educação.

Eu tenho dois filhos — o Samuel, de 6 anos, e a Clarice, de 2 — a dupla do barulho aqui em casa (risos). Como bom joseense, eu diria que sou uma pessoa do interior, mas com um pezinho nesse lado mais cosmopolita, já que estamos tão perto da capital.

Uma das minhas grandes paixões é o automobilismo. A Fórmula 1 é quase um ritual pra mim, e eu também gosto muito de andar de kart. Teve uma época em que eu chegava a ir duas vezes por semana, mas depois que os filhos chegaram, criei um pouco mais de juízo, né? (risos).

Hoje acompanho mais de longe, mas ainda considero meu hobby favorito. E já que estamos falando de hobbies, trouxe até aqui minha garrafa, porque outra paixão que eu tenho é o café. Eu acredito que todo mundo precisa ter pequenas oportunidades no dia a dia que tragam prazer e energia, e pra mim o café é exatamente isso: um momento de pausa e de recarregar as baterias.

Sobre café, eu trouxe uma curiosidade, esse aqui é um café fermentado no barril de anburana. Qualquer hora eu vou levar para vocês, viu? Acho que no dia a dia precisamos de algumas válvulas de escape, né? Um bom café acompanhando uma boa corrida de automobilismo com a família, então, perfeito, é onde eu me sinto em casa.

Do hobbies, tenho também o lado dos jogos de computador. Desde criança eu participo do mundo competitivo, e em 2022 cheguei a estar entre os top 5% de jogadores de Counter-Strike online no mundo. Na época, alcancei a patente de Elite Global, e às vezes, quando eu conto isso pros alunos, eles até acham que é mentira (risos).

Enfim, são essas coisas — família, automobilismo, café, jogos — que me equilibram no dia a dia e fazem parte de quem eu sou.

O que que você fazia antes de entrar na Fatec? Com quantos anos você entrou na Fatec?

Eu cheguei na Fatec direto do ensino médio, com 17 anos. Basicamente, eu era estudante em tempo integral, porque sempre tive muito apoio da minha família nesse caminho. Fui privilegiado nesse sentido: meus pais sempre valorizaram muito os estudos.

Meu pai trabalhou a vida toda como metalúrgico na Embraer, e eu me lembro bem de uma conversa que tivemos quando eu estava terminando o ensino médio. Ele me disse: 'Olha, você não vai seguir o mesmo caminho que eu segui, porque esse tipo de trabalho já não vai existir da mesma forma no futuro. Você vai ter que estudar.'

Essa fala marcou bastante a minha trajetória. Então eu abracei mesmo a vida de estudante como se fosse uma profissão, até chegar à faculdade. Esse sempre foi o meu foco principal naquele momento da vida.

A Fatec não era minha primeira opção — e acho que muitos alunos ainda têm essa percepção. Ela era muito nova, foi criada em 2006, e eu entrei ali no começo, em 2007. Minha ideia inicial era fazer Engenharia de Produção, mas quando surgiu a oportunidade de cursar Logística, resolvi me envolver nesse novo caminho.

Optei pela FATEC! E que acerto. Me formei com 20 anos, enquanto muitos amigos ainda estavam no meio da engenharia. Hoje, eu sempre falo para os alunos que é possível acelerar a formação quando a gente se dedica de verdade — eu tive essa experiência na prática.

O que levou você a escolher a Fatec?

Na época, eu tinha prestado vestibular da Unicamp e da Unesp, e um amigo meu, com quem andava de kart, já havia ingressado na Fatec — ele tinha feito técnico antes e estava no curso de Logística. Logo no primeiro semestre, ele conseguiu um estágio na área de qualidade da Embraer, e eu fiquei pensando: 'Poxa, será que a Fatec também é uma boa?'

Além do curso gratuito, que já era um fator importante, fiquei motivado pelo incentivo de alguém que eu conhecia e que estava indo bem. Na época, eu tinha dúvidas se conseguiria morar fora de casa, depender do apoio dos meus pais, entrar num curso novo e desconhecido. Mas logo percebi que fui muito bem acolhido pelo corpo docente. A Fatec era tão pequena que todo mundo se conhecia, e isso ajudou muito no começo.

Lembro especialmente do professor Massanori, que nos acompanhava de perto, e de outros colegas, como o Arthur Prieto, cuja esposa também estudou e se formou no curso de Logística. Essa proximidade fez toda a diferença. A Fatec realmente se mostrava uma família: você conhecia um monte de gente, era tudo muito próximo, e isso influenciou bastante minha trajetória desde o começo.

Você entrou na Fatec ainda era nas instalações do parque tecnológico, que tinha dificuldades. Do ponto de vista de aluno, o que você achou? Quais as dificuldades do Parque Tecnológico (PIT)?

Olha, eu confesso que por volta de 2008, quando começaram as obras do novo prédio, a gente ficava super ansioso pra ver como ia ficar. No horário do intervalo, eu e meus amigos pegávamos o carro e íamos vasculhar o prédio. Era emocionante ver o tamanho que a Fatec estava tomando!

A estrada ainda era de terra, atrás do PIT, e a gente ia lá só pra olhar as estruturas do prédio. Até então, a Fatec tinha apenas seis salas de aula, uma biblioteca e um laboratório de informática com aqueles computadores de tubo antigos. Hoje, olhando para a biblioteca, vejo todo o cuidado que vocês têm, e fico impressionado com o quanto evoluiu.

Naquele momento, como aluno, a expectativa era enorme: será que eu ia ter a chance de estudar naquele prédio? Mas não deu tempo — infelizmente, eu não cheguei a estudar nele, mas foi incrível acompanhar esse crescimento desde tão perto.

Você se formou ainda nas instalações do Parque Tecnológico?

Eu me formei ainda no prédio do Parque, que já começava a ficar pequeno pelo tamanho que a Fatec estava tomando. Quando eu vi a estrutura do novo prédio sendo montada, pensei: ‘Nossa, isso aqui ainda vai se tornar algo muito importante.

Havia um algum local de convivência para os alunos?

Olha, no Parque a gente se divertia muito e inventava nossos próprios espaços. Lembro de um dia que resolvemos fazer um campeonato de futebol no estacionamento da diretoria do PIT. Acho que demos bastante dor de cabeça para o professor Wellington, que era o diretor na época, mas a gente se sentia em casa.

Também gostávamos muito dos auditórios e usávamos esses ambientes como se fossem nossos. A gente se sentia parte do Parque Tecnológico, tanto que meu primeiro estágio aconteceu lá. Acho que a construção do novo prédio acabou nos deixando um pouco mais distantes dessa sensação, mas eu gostaria muito que essa integração voltasse, porque faz parte do ecossistema do PIT e da própria identidade da Fatec.

Quais os professores que marcaram?

Não quero ser injusto com os meus colegas atuais, porque muitos professores que estão no curso hoje também foram meus professores na época e, com certeza, todos me marcaram. Mas vou citar um que não está mais: o professor Herivelton de Cálculo, que foi o primeiro a lecionar a disciplina na Fatec de São José, pelo menos até onde eu sei.

Quando eu entrei, ainda tinha muitas dúvidas — lembrando que a Fatec era muito nova na época — e ele foi essencial para me ajudar a entender que todo aquele esforço estava fazendo sentido.

Na época, eu estava fazendo um cursinho preparatório, que era bem completo e me preparava de verdade para o vestibular. Então, quando entrei na Fatec, foi uma escolha consciente, mas eu ainda tinha dúvidas: será que eu deveria continuar nesse caminho ou focar em tentar a Unicamp?

Lembro-me que o Prof. Herivelton me deu um conselho que marcou muito: ele me disse que se formou na Unicamp, fez mestrado e hoje estava ali dando aula para mim. Então não importa onde você está, mas sim como você se desenvolve no lugar em que está.

Essa fala me fez perceber que minha presença na Fatec não era sem propósito. Aos poucos, entendi melhor o ecossistema do Parque Tecnológico, e o estágio que consegui lá abriu minha cabeça para possibilidades futuras, como fazer um mestrado. Talvez eu não tivesse seguido essa trajetória se tivesse escolhido um curso mais tradicional de engenharia."

Conta um pouco mais dessa tua trajetória durante o curso de Logística.

Quando eu estava no quarto semestre da graduação, comecei meu estágio no CECOMPI, que era o Centro para Competitividade e Inovação do Cone Leste Paulista, parte do Parque Tecnológico e que depois virou o Nexus Hub. Fiquei lá por quase dois anos, acompanhando o final do meu curso: eu estudava de manhã e fazia estágio à tarde.

Cito também o ex professor da FATEC, o Prof. Agliberto, que foi uma influência importante. Lembro de uma aula de Sociedade de Tecnologia que ele ministrou e disse algo que marcou a turma: 'Vocês têm que se levantar da cadeira!' — um incentivo para sermos ativos e participativos, não apenas observadores. Essa postura me acompanhou bastante durante minha trajetória profissional."

Eu lembro de um momento bem marcante: estava numa aula de Custos e Tarifas Logísticas, com o professor Herculano, terminei uma atividade e pedi licença para ele. Fui até a administração do Parque, cheguei na secretaria e falei: 'Tenho uma reunião com o professor Agliberto.'

Foi assim que consegui me voluntariar no Parque Tecnológico. O Agliberto sempre lembra que eu fui o primeiro a me envolver dessa forma, e essa iniciativa abriu muitas portas para mim durante a graduação.

Sobre curiosidades da época de aluno, eu me lembro da primeira Semana de Inovação Tecnológica no Parque Tecnológico. Foi algo totalmente novo, nunca tinha tido um evento desse tipo por lá, e para mim foi super curioso, porque era uma época em que o parque ainda estava tentando se mostrar para o mundo. Vieram várias pessoas importantes de diferentes empresas para palestras, e a experiência foi incrível. Na semana seguinte, tivemos o 'Oscar Fashion Day' no mesmo local, um desfile de moda. Fiquei impressionado com a diversidade dos eventos que aconteciam ali — era uma mistura de tecnologia, cultura e inovação, e isso deixava a gente com a sensação de que tudo era possível naquele espaço.

A gente estava lá no auditório tendo uma palestra de tecnologia da informação aplicada em cadeia de suprimentos e um desfile acontecendo do lado (rsrs).

O Parque Tecnológico estava começando a se mostrar, e a Fatec sempre buscou estar muito conectada com o mundo contemporâneo. Esse tipo de experiência me fez perceber como o ambiente era inovador e diverso. Precisamos retomar essa aproximação com o PIT.

Conte-nos como foi sua trajetória até o Mestrado.

Quando eu fiz meu estágio no Parque Tecnológico, isso abriu muito a minha cabeça para a área de pesquisa. Convivendo com pessoas ligadas aos programas de mestrado, comecei a me interessar seriamente pelo tema. Nessa época, o professor Tozi chegou à Fatec, e ele foi meu orientador de Trabalho de Graduação entre 2009 e 2010.

Com ele, escrevi um artigo para a ANPET, o Congresso Nacional da área de Transportes. Nessa época, já tinha a ideia de fazer um mestrado no ITA, e o professor Tozi me mostrou como isso seria possível. Ele me levou para assistir a uma defesa de mestrado em Engenharia Civil, na área de infraestrutura aeronáutica, e naquele momento pensei: 'É isso que eu quero para minha vida'.

Na minha colação de grau, no auditório central do Parque Tecnológico, fui cumprimentar o professor Tozi e disse a ele que queria fazer o mestrado. Ele apenas respondeu: 'Então vai, ué!' — e isso me mostrou que era algo possível.

Logo após a graduação, emendei direto no mestrado, com foco em infraestrutura de aeroportos. Meu orientador foi o Professor Claudio Jorge, e essa fase foi muito marcante na minha vida.

Foi também nesse período que percebi o verdadeiro valor do selo da Fatec: a formação que tive aqui me deu base e credibilidade para ingressar no ITA e seguir para o mestrado,

mostrando como a experiência e o aprendizado na Fatec abriram portas importantes na minha trajetória acadêmica.

Fiz o processo seletivo para o ITA em Engenharia de Infraestrutura Aeronáutica. Lembro da prova de matemática até hoje! Curiosamente, durante a apresentação do artigo da ANPET em Salvador, encontrei o professor Anderson Correa, que me confirmou que eu tinha sido aprovado. Comecei meu mestrado em 2011, focado na área de transporte aéreo, e essa experiência foi um ponto decisivo na minha trajetória acadêmica."

Durante o mestrado, acabei me envolvendo também com consultorias na área de logística. Trabalhei por dois anos na Heineken como consultor e, depois, passei mais um ano na Nissan, sempre atuando na área de supply chain. Concluí o mestrado em apenas 1 ano e 8 meses e, em 2014, voltei ao ITA para trabalhar no programa de expansão da instituição.

Nesse projeto, reencontrei o professor Tozi, que também fazia parte da equipe de projetos. Ele me disse: "Eu vou ter uma reunião, você pode aplicar uma prova para mim na Fatec?" Foi nessa ocasião que conheci o prédio novo, pois até então eu ainda não tinha voltado para lá desde a minha graduação."

Fui aplicar uma prova na Fatec e gostei da experiência. Falei para mim mesmo: 'Cara, gostei desse negócio de estar aqui'. Alguns meses depois, surgiu a oportunidade de um concurso para a instituição, e eu decidi me inscrever. Acabei entrando na Fatec em fevereiro de 2014, retornando ao lugar que já havia marcado minha trajetória como aluno e que agora se tornava meu espaço como professor.

Qual matéria?

Gestão de transporte de cargas e roteirização, que é a minha matéria até hoje. Disciplina do sexto semestre do curso de logística.

E você, dando aula na Fatec, você manteve alguma outra atividade fora a Fatec?

Continuei me envolvendo com os projetos de consultoria, estendendo minha atuação na Heineken por mais um tempo, enquanto seguia na Fatec. Logo depois, me tornei pesquisador da Fundação Casimiro Montenegro Filho, vinculada ao ITA.

Hoje, meu tempo é aproximadamente 95% dedicado à Fatec e 5% ao ITA, como pesquisador colaborador. Atuo em pesquisas na área de avaliação civil, junto à SAC, combinando ensino, pesquisa e experiência prática de forma integrada.

Desde então, passei a me dedicar mais à docência, ao mesmo tempo em que participava de

projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação. Isso me levou a ingressar no doutorado, e hoje estou na reta final, também no ITA, na mesma área em que venho atuando.

Está fazendo transporte aéreo também?

Isso, mesmo. No programa INFRA-ITA. Aliás, temos mais dois outros ex alunos de Logística fazendo o Doutorado comigo.

Como você se sente, atuando agora como coordenador do mesmo curso que você começou?

É uma sensação que eu gostaria que todos os alunos pudessem vivenciar. Muitas coisas que eu não entendia na época, hoje consigo compreender, até questões burocráticas da faculdade.

Sinto um carinho muito especial pelos meus professores. Por exemplo, o professor Carraro até hoje me chama de “meu filho”. Essa lembrança da trajetória como ex-aluno cria um vínculo muito especial.

Na coordenação do curso, percebo a mesma dedicação: todos buscam sempre melhorar o curso, e é muito diferente a perspectiva de quem olha como aluno e de quem olha como coordenador. Ao mesmo tempo, sinto o abraço da comunidade acadêmica. Os professores são muito abertos e acolhedores, ajudam e discutem ideias de forma muito construtiva. Isso me traz uma alegria enorme.

HELOISA CARDILLO LIMA

Eu gostaria que você falasse um pouco sobre a experiência como nosso cliente no projeto de API. Você interagiu com outros alunos de outros cursos também.

Para mim, Heloisa, olhando o contexto da Fatec e a inclusão de novas tecnologias nos cursos, a API representa um grande momento de transformação, colocando o aluno como protagonista efetivo do processo.

Quando vejo os projetos que vocês desenvolvem nos semestres — por exemplo, no primeiro de DSM, agora indo para o segundo — confesso que é impossível não se impressionar. A qualidade do trabalho que vocês entregam supera o que muitos de nós conseguiríamos produzir na época.

A Fatec sempre acompanhou a tecnologia, e isso é essencial: somos uma faculdade de tecnologia, e precisamos estar na vanguarda digital. Ver a evolução dos projetos e como a

faculdade se mantém alinhada com essas inovações é muito gratificante. Para mim, a API é um grande diferencial nesse processo.

Atualmente, estou acompanhando também o projeto de API no curso de Logística, e realmente percebo o impacto: é uma mudança significativa para todos os cursos. Não dá mais para o professor ficar apenas à frente da sala, dando aula de forma tradicional; precisamos envolver os alunos de maneira prática e efetiva

SARDES APARECIDA BATISTA

Eu não tenho exatamente uma pergunta, mas sim um comentário: estou realmente admirada com a sua trajetória. Primeiro, quero agradecer por compartilhar essa história tão rica e inspiradora. Parabéns, porque sua caminhada é muito bonita e serve de exemplo não só para nós aqui nesse projeto, mas para toda a Fatec — desde os alunos que estão chegando até aqueles que estão se formando. Conhecia alguns fragmentos da sua história, mas ouvi-la por completo foi muito enriquecedor. Inclusive, quero deixar registrado que vou mostrar esse relato para o meu filho, pois considero um exemplo maravilhoso. Mais uma vez, parabéns de verdade pela sua trajetória

Para finalizar, gostaria que você deixasse uma mensagem para os alunos.

Hoje penso muito em propósito. Acredito que nada acontece por acaso e que tudo tem um sentido. Se a vida fosse um conjunto de aleatoriedades, eu seria uma pessoa extremamente frustrada. Por isso, gosto de me pautar na ideia de que precisamos entender e aproveitar os momentos, buscando nosso propósito de vida.

Estar em uma faculdade pública, para mim, tem um propósito muito importante, porque a sociedade espera muito de nós. A Fatec é um bem público, e cuidar dela é cuidar de algo que pertence a todos. Lembro sempre de uma fala do professor Tozi aos novos alunos: tudo que temos aqui é público — a mesa, o computador, a parede, o vidro — e é nosso dever zelar por isso.

Ver a Fatec prosperar, acompanhar seus alunos e sentir que meu trabalho e meu selo de ex-aluno impactam positivamente é uma grande vitória. No próximo ano, vamos completar 20 anos, e muitas instituições surgiram e desapareceram nesse período. Hoje, a Fatec é adulta, sólida e muito bem formada. Isso me enche de orgulho e me reforça a importância de continuar cuidando e valorizando essa instituição.